



## SERTÕES, CANGAÇOS E A POESIA SOCIAL DE GRACILIANO

Paulo Brito do PRADO<sup>1</sup>

RAMOS, Graciliano. *Cangaços*. (Org.). Thiago Mio Salla e Ieda Lebensztayn. Rio de Janeiro: Record, 2014.

É possível, pois, que haja em nós, escondidos, alguns vestígios da energia de Lampião. Talvez a energia esteja apenas adormecida, abafada pela verminose e pelos adjetivos idiotas que nos ensinaram na escola. (2014, p. 30).

A edição de *Cangaços* – obra organizada por Thiago Mio Salla e Ieda Lebensztayn – reúne crônicas e artigos de Graciliano Ramos produzidos e publicados durante parte de sua trajetória em jornais e periódicos espalhados pela região nordeste do Brasil.

Os textos que compõem o livro trazem uma (re) leitura do Sertão e dos Cangaços, bem ao modo “Graciliano”, e permitem ao seu leitor uma incursão atualizada pelo cotidiano do povo sertanejo, que na aspereza de sua terra e incertezas do amanhã precisaram aprender “a dar cambalhotas e cair de pé, uma vez que a vida não lhes ofereceu rede de proteção” (JÚNIOR, 2007, p. 81).

Em sua “poesia social”, Graciliano Ramos teceu tramas e dramas que lhe permitiu dinamitar as cortinas de ferro responsáveis por (in) visibilizar a dureza natural e social do Nordeste, lugar no qual o povo sertanejo “exposto à seca, à fome, à cobra e à tropa volante, tinha sempre valor reduzido” (p. 97).

Para ele a criminalização, a rudeza do povo e a constante montagem de novos “bandos” era o resultado da desigual condição social do sertanejo combinada ao descaso/omissão das instâncias governamentais e ao modo narcisista das regiões Sul e Sudeste enxergarem e projetar este outro, que é o Nordeste.

Ainda que suas ironias e críticas sociais tenham lhe rendido alguns meses de reclusão (1936-1937) – posteriormente transformados em *Memórias do Cárcere* –

---

<sup>1</sup> Doutorando em História pela Universidade Federal de Goiás (UFG-GO). Mestre em História pela mesma instituição. Especialista em Educação pelo Centro Integrado de Aprendizagem em Rede (CIAR-UFG). Graduado em História pela Universidade Estadual de Goiás. Membro do Grupo de Pesquisa “Sócio-Antropologia dos Patrimônios, Museus e Acervos” (UFS). Professor de História na SEDUC-GO.



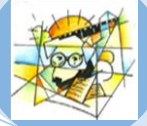
Graciliano não cessou sua inspiração conspiratória, tendo insistido na literatura regionalista, posteriormente enquadrada pela memória literária brasileira de “regionalismo nordestino dos anos trinta”, responsável pelo cortejo das “misérias, seca, fome, cangaço, coronelismo e fanatismo religioso” (JÚNIOR, 2009, p. 197).

Os Lampiões e os Sertões, narrados por Graciliano remontam ao “quase deserto”, lugares nos quais se espriam a “campina imensa, onde se achatam colinas baixas” (p. 96) de “vegetação espinhosa” a definhar na terra do sol que queima em brasa. O solo quente faz com que “os rios se infiltrem na areia [formando] poços na pedra [e fazendo surgir] aqui e ali bebedouros de água lamacenta” (p. 96), nos quais Fabiano, sua família e a cadela Baleia matam junta a sede que os incomoda cotidianamente.

Nesse cenário hostil e em sua gente abandonada pelo imenso Brasil, vimos evidenciarem-se as denúncias do escritor, a incompreensão regional e a estereotipagem litorânea, que insistiu em desenhar e representar o sertanejo como “um indivíduo meio selvagem, faminto, esfarrapado, sujo, com um rosário de contas enormes, chapéu de couro e faca de ponta” (p. 21). Talvez seja por esta razão que Graciliano tomou para si o papel de “Lampião das palavras”. Incomodado com as representações pejorativas de “livros e jornais ordinários feitos por cidadãos que nunca estiveram no interior” (p. 21), o escritor contrariou estas representações dizendo que: “Essa mistura de retirante, beato e cangaceiro, enfeitada com um patuá, duas alpercatas e muitas figuras de retórica, torna-se rara” (p. 21). O Sertão/Nordeste “têm rodovias, estradas de ferro, luz elétrica, cinema, praças com jardins, filarmônicas, máquinas de escrever e pianos. Só faltam escolas e hospitais”. (p. 23).

Seria pela ausência dos serviços públicos básicos que os “sertanejos andavam carregados de muita verminose e muita ignorância” (p. 23). Desta forma o resultado da miséria e do abandono somado às inúmeras injustiças sociais, despertou a revolta de alguns contra a ordem política, econômica e cultural aí instalado. Cansados de arranhar o solo quente em troca de alguns “tostões em côvado”, muitos sertanejos se meteram no “lampionismo”, transformando-se em “bestas-feras” e espalhando pelas regiões do semiárido um sentimento de terror e medo.

Ainda que a obra resenhada reúna textos escritos pelo literato ao longo de anos, houve uma preocupação por parte dos organizadores em conduzir o livro pelas veredas e caminhos trilhados pelo cangaço. Na maioria das crônicas vimos ser destacadas situações de grande contraste social, nas quais Graciliano tentou justificar a adesão à vida “errante”



e “andeja” dos muitos “Lampiões” que cortaram os sertões nordestinos entre os séculos XIX e XX.

A disposição dos textos nos permitiu ver as influências sofridas pelo povo sertanejo que se deixou contaminar pelo *bluff* e motor U.S.A., talvez na tentativa de mascarar a triste realidade nordestina, marcada pelos “rios secos, o gado [que] morre, a lagarta rosada [que devora o] algodão” (p.23) e os muitos “indivíduos sombrios e cabisbaixos, embrutecidos pela desgraça, indiferentes às façanhas antigas, hoje atenuadas, esparsas” (p. 66). Ao longo da leitura, os organizadores nos permitiram enxergar as várias facetas do cangaço. Vimos ser projetada a figura de Antônio Silvino e Corisco. Aprendemos que não só de caboclos era feito o cangaço. Conversamos pessoalmente com o “sovina” Virgulino Ferreira da Silva em “Lampião entrevistado por Novidade” (p. 31). Aproximamo-nos da mulher sertaneja, endurecida pelo aspecto natural/social do Sertão, e descrita por Graciliano como sendo portadora de uma identidade masculinizada.

D. Maria era uma mulher nos seus quarenta anos de “olhos vivos, risonha, desembaraçada, franca, possuidora de opiniões e hábitos esquisitos, muito diferentes das opiniões e dos hábitos das proprietárias comuns” (p. 110). Era uma “nova mulher”! A “mulher moderna”, fruto da modernidade que com seu desfilar de simulacros e sua exaltação “da aparência sedutora [representava] a mulher enganadora, traiçoeira, pérfida, dominadora, ameaçadora, para homens acostumados com mulheres ‘simples, dóceis, autênticas’ da sociedade masculina da tradição”. (JÚNIOR, 2013, p. 41).

Em seus contos e crônicas, Graciliano eternizou a figura dos cangaceiros e dos vários Lampiões que pelos sertões nordestinos saíram a galopes rápidos, “tomando conta dele adentro” (JÚNIOR, 2009, p. 204), invadindo fazendas, matando opositores, driblando os “macacos” das tropas volantes e desflorando mulheres. Aliás, Graciliano não só eternizou a figura do cangaceiro, ele, Thiago e Ieda contribuíram para que fosse produzida a crença dessa figura paradoxal. Os três praticaram um exercício de apropriação dos tipos característicos do Nordeste e em torno desses tipos singulares construíram um círculo da crença, semelhante àquilo que explicou Bourdieu (2008) na ocasião do estudo sobre o mercado de bens simbólicos e artístico europeu:

[...] os grandes marchands, os grandes editores, são ‘descobridores’ inspirados que, guiados por sua paixão desinteressada e irrefletida por uma obra, ‘fizeram’ o pintor ou o escritor, ou então, permitiram-lhe que



ele se fizesse, amparando-o nos momentos difíceis, respaldados na fé que haviam colocado nele, orientando-o com seus conselhos e livrando-o das preocupações materiais. (p. 23).

Quando inventou uma entrevista com Lampião, Graciliano amparou o cangaço nordestino da década de 1930. Ao colocar palavras na boca de Lampião, tapeando suas lorotas e escrevendo outras no lugar, o literato construiu um campo de crenças em volta do “notável salteador”. Exercício semelhante foi praticado pelos organizadores da obra quando elegeram e elogiaram o cangaço, reunindo uma gama de textos que convergiram para a figura de “facínoras” cangaceiros, creditadas da crença e da aura do medo: “a mais eficaz das suas armas” (p. 28).

A obra trazida a lume por Thiago Mio Salla e Ieda Lebensztayn promove ao leitor um ambiente de identificação com as diferentes representações culturais espalhadas pelo território brasileiro, nela vimos ser evidenciado “o sertão de Rosa, como o Brasil, [...] ser tão dividido e indeciso entre as forças do bem e do mal, ser tão distinto do ser cristão, maniqueísta.” (JÚNIOR, 2009, p. 200).

Nela aprendemos a enxergar – entre cabeças que rolaram a mando do “tenente Bezerra” e a surra de Fabiano – que “efetivamente valem pouco” (p. 29). Isto por que não aprendemos a aproveitar nossos heróis. Todavia os escritos de Graciliano nos consolam, e o trabalho dos organizadores nos anima, uma vez que permitem que as entusiastas e subversivas palavras do escritor fujam do cárcere para anunciar a existência, no interior, de “bandidos [heróis] como Lampião”, possivelmente aproveitados quando descobrirmos o Brasil, quando nos descobrirmos.

290

## Referências

AMADO, Janaína. Região, Sertão, Nação. *In: Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, 1995.

BOURDIEU, Pierre. A produção da crença: contribuição para uma economia de bens simbólicos. Porto Alegre, RS: Zouk, 2008.

JÚNIOR, Durval Muniz de Albuquerque. *História: a arte de inventar o passado*. Bauru, SP: Edusc, 2007.

JÚNIOR, Durval Muniz de Albuquerque. *Nordestino: invenção do “falo” – uma história do gênero masculino*. São Paulo: Intermeios, 2013.



JÚNIOR, Durval Muniz de Albuquerque. Quando a gente não espera, o sertão vem: Grande Sertão: veredas, uma interpretação da história do Brasil e de outros espaços. *In:* ArtCultura. Uberlândia, 2009.

TAVARES, Braulio. Caminhos do sertão. *In:* Culturas dos sertões. (Org.). Alberto Freire. Salvador: EDUFBA, 2014.